

"As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis - os poemas - contaminando o deserto da referencialidade."

Arnaldo Antunes

As árvores de Antunes

"A felicidade também é feita de carne", disse Arnaldo Antunes numa entrevista. Ele não sabe, mas naquele dia salvou minha pelanca, que saiu escrevendo o seguinte:

*Rasgar o tecido
Estancar o sangramento com algodões
Olhar bem lá no fundo
de uma vezada só
(prender a respiração)
Fechar
Suturar
Desinfetar
Rezar muito depois*

*Afastar as costelas
Segurar o coração
Evitar as cócegas
Acompanhar a dança
Admirar o ritmo
Cuidar com as lágrimas
Fechar
Dar pontos
Enfaixar
Pedir a deus que chame a enfermeira*

Isso foi antes de dar de cara com outras duas frases-adesivos coladas por Antunes, daquelas que grudam no álbum interno. Foi vendo o especial "Ao vivo lá em casa", gravado, como diz o nome, na casa do artista. Lá, recebendo os amigos em seu quintal, ele cantou a música *As árvores*, e me

lembrou de algo muito importante (de verdade): "*As árvores são fáceis de achar / Ficam plantadas no chão*".

Havia algo de absurdamente poético naquelas frases, capaz de assaltar a emoção até então distraída. Era um exercício de olhar de novo para as árvores, não necessariamente de perto, mas de novo, só que como se fosse a primeira vez. Também era o tom lúdico que me cativava, e já sabia que a primeira frase citada, a da felicidade feita de carne, havia sido dita numa entrevista depois do nascimento de seu filho.

Eu testemunhava um olhar de artista-criança que sabe mais do que o adulto. Um olhar sem vícios, sem preconceitos, sem tradição. Olhar de ruptura ao mesmo tempo intensa e sutil, assertiva e aberta, capaz de instigar outros olhares, cortes e suturas. Um olhar de quem pensa a carne. Antropófago. Arnaldo Antunes é pura antropofagia, suspeitei de repente, assim como quem pensa em carnes felizes e árvores que nunca se deitam.

A primeira pista de antropofagia veio do próprio show, intitulado, com enorme licença de coerência, "Ao vivo lá em casa". A ideia de ser ao vivo e lá em casa sugeria espontaneidade e uma busca pelo solo mesmo de nossas árvores, um apreço pelo endereço próprio, pelo CEP artístico, filial e amical, enfim, pela caixa de correio nem cheia nem vazia, apenas receptiva aos amigos circulando pela sala, pelos quartos, pela cozinha. O social e o coletivo pisando em raízes.

O outro rastro da antropofagia estava na poesia de Antunes, herdeira da poética substantiva do concretismo. Todo movimento de olhar de perto esbarra no concreto. É na busca da materialidade, do caule da árvore, entre outras características, que a arte antropofágica de Antunes se mostra. Só devoramos o que tem matéria. De certa forma, é também uma busca pelo primitivo, pelo terreno caseiro capaz de absorver chuvas estrangeiras. É pelo estranhamento que a interação com o outro (leitor/espectador) é promovida. Nem lá nem cá. O dentro está fora e o fora está dentro. As

árvores têm raízes e nunca se deitam. Não se curvam ao que vem de fora, mas "mamam do sol pelas folhas", "cantam no vento" e "recebem a chuva de galhos abertos". As árvores "o céu aceitam", "mas não são soltas nos passos". Também as árvores, produzindo sua singularidade de clorofila, são antropófagas. Sabem bem onde pisam, mas também aceitam o céu. É pelo outro que chegamos a nós mesmos.

Se a ideia da antropofagia serve como método e como leitura da cultura, reinterpretando o nacional, no qual novos códigos culturais são conhecidos e explorados, vale lembrar Haroldo de Campos, argumentando sobre a poesia concreta:

"metalinguisticamente, [a poesia concreta] repensou o próprio código, a própria função poética (ou a operação desse código). A diferença (o nacional) passou a ser com ela o lugar operatório da nova síntese do código universal. Mais do que um legado de poetas, aqui se tratava de assumir, criticar e remastigar uma poética."¹

Metabolizando a luz do mundo, Antunes remastiga informações criticamente. No seu discurso enciclopédico, afeito ao espanto artístico dos *found objects*, estranha as definições do mundo material e assim o relê. Ao deslocar a função poética dos objetos, explora sua sensualidade ao mesmo tempo em que os desfamiliariza. O passado, assim como as árvores, é sempre um possível novo começo. É fácil de achar. Sua percepção lúdica pensa por si mesma, garantindo o prazer da liberdade com lei. Suas regras são sensoriais, participativas e incentivadoras de poesias alheias. Sua casa tem portas sempre abertas. Lá as palavras, ao invés de substituírem as coisas, se *transformam* em coisas, se *concretizam* e recebem um verniz anti-hipocrisia. Há mesmo quem veja em seu trabalho um "formalismo renovado":

¹ *Apud* Santos, Alessandra. *In Arinaldo Canibal Antunes*. SP: nVersos, 2012. P. 56.

"Diante de novos códigos, a obra de Antunes reivindica o retorno dos sentidos, lembrando ao leitor sua presença física em uma época de intensa tecnologia e consumo. Além disso, ao utilizar o estranhamento, a poesia de Arnaldo contribui para uma distância crítica de base social dos significados das palavras, injetando assim um aspecto político no seu formalismo renovado"²

Ao estudar o poema (ou a letra musical) formalmente, como os formalistas russos e os poetas concretistas, Antunes une forma e conteúdo (um dos aforismos do seu livro *Palavra Desordem* (2002) indica: "Forma é conteúdo. Conteúdo é forma."), explora códigos sensoriais, busca o moderno e o tecnológico e, além de tudo, mistura a cultura erudita com a cultura popular. A facilidade com a qual a arte de Antunes transpõe diferentes gêneros, aliás (música, poesia, artes plásticas), demonstra que ele é um possível representante do "homem natural tecnizado":

"A proposta artística e crítica de Antunes é experimental e reivindica um rompimento com os valores e códigos ultrapassados, estando ao mesmo tempo sempre consciente do contexto social brasileiro. Além disso, a proposta poética de Antunes é lúdica e inclusiva da exploração das percepções sensoriais do público, mais uma vez ecoando a proposta "matriarcal" de Oswald. Antunes também participa de um veio artístico iniciado pelos poetas concretistas, não só na sua produção artística, como também na sua crítica. Sua arte participa constantemente do projeto de interação da tradição (antropofágica, de ruptura) na novidade e no momento histórico."³

Antunes devora e é devorável. Adorável também. Guia e defensor de árvores. Ideafix dos trópicos, fã de McLuhan. Nas suas palavras, para terminar, em entrevista a Claudio Daniel:

"Nós somos assaltados todo o tempo por informações fragmentárias de todos os lados, e isso, de certa forma, propiciou uma 'descompartimentação'. Por outro lado, vejo também o resgate de um espírito primitivo, um resgate da relação entre a arte e a vida. Na sociedade tribal não havia diferenciação entre música, dança, rito, religião. Na verdade, isso tem a ver com o que o Oswald de Andrade fala em

² Santos, Alessandra. *In* Arnaldo Canibal Antunes. SP: nVersos, 2012. P. 158

³ *Ibidem*, p. 24.

A crise da filosofia messiânica, onde ele esboça uma abordagem filosófica da antropofagia. Oswald sugere uma equação em que a tese seria o homem primitivo, a antítese o homem civilizado e a síntese o que ele chama de 'homem natural tecnizado'. É mais ou menos o que McLuhan vislumbrou quando cunhou o termo "aldeia global": o espírito da aldeia propiciado pela tecnologia. Tudo isso cria um território propício para a intersecção de linguagens.⁴

Talvez venha daí seu interesse por definições e o consequente estranhamento (*ostranenie*) causado por elas. Daí o exercício de olhar de novo como se fosse a primeira vez, modificando as percepções habituais do leitor ao ressaltar a artificialidade do texto, convidando-o a *inter agir*. E diante de tantas definições enciclopédicas, aforismos, tautologias e truísmos, há mesmo muito o que fazer. A sorte é que, nesse encontro lá em casa da estética com a política, "os dedos dos pés evitam que se caia".

As árvores

Arnaldo Antunes

*As árvores são fáceis de achar
Ficam plantadas no chão
Mamam do sol pelas folhas
E pela terra
Também bebem água
Cantam no vento
E recebem a chuva de galhos abertos
Há as que dão frutas
E as que dão frutos
As de copa larga
E as que habitam esquilos
As que chovem depois da chuva
As cabeludas, as mais jovens mudas
As árvores ficam paradas
Uma a uma enfileiradas*

⁴ Apud Santos, Alessandra. In Arnaldo Canibal Antunes. SP: nVersos, 2002, p.22

*Na alameda
Crescem pra cima como as pessoas
Mas nunca se deitam
O céu aceita
Crescem como as pessoas
Mas não são soltas nos passos
São maiores, mas
Ocupam menos espaço
Árvore da vida
Árvore querida
Perdão pelo coração
Que eu desenhei em você
Com o nome do meu amor.*

Referências bibliográficas, audiovisuais, eletrônicas, antropofágicas:

Santos, Alessandra. *Arnaldo Canibal Antunes*. SP: nVersos, 2012.

Ao vivo lá em casa. VH1 2010. Áudio Produzido por Betão Aguiar. Vídeo dirigido por Andrucha Waddington. Gravado ao vivo, na casa de Arnaldo Antunes. São Paulo, 09 de agosto de 2010.

Duarte, Pedro. *A alegria da influência: o Brasil modernista de 1928*. Revista Serrote. www.revistaserrote.com.br